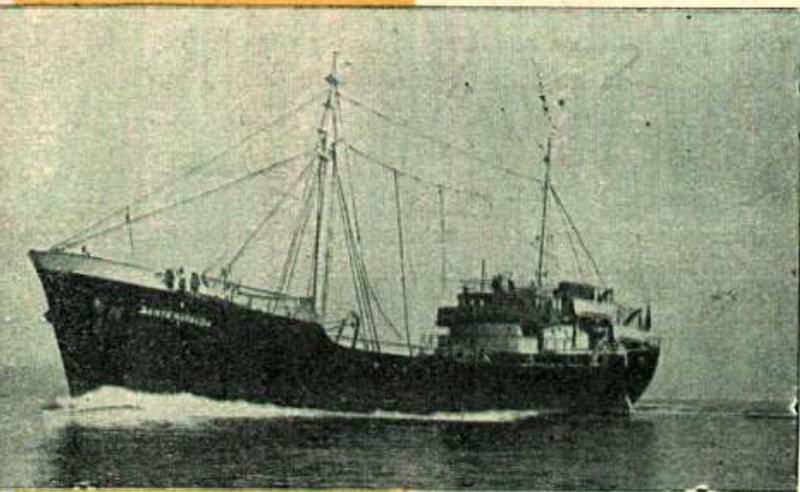
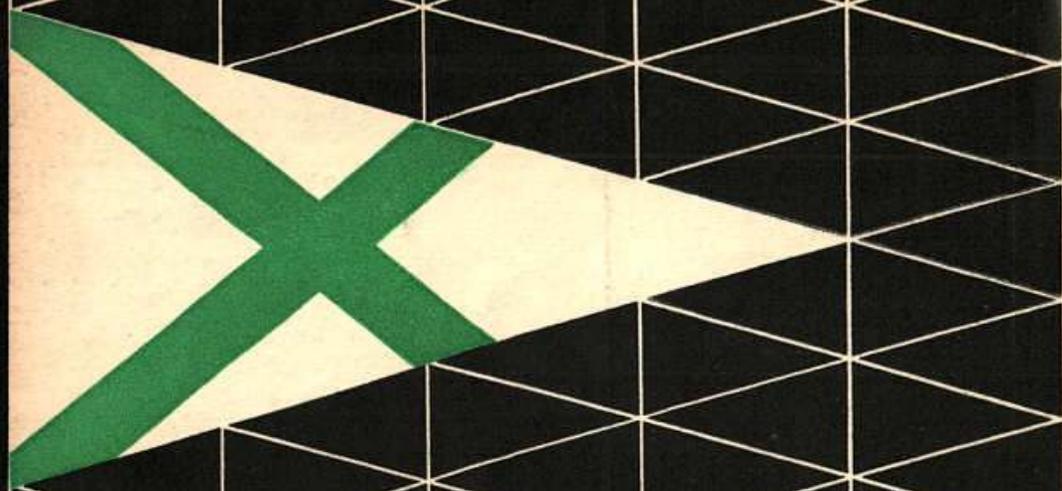


Com a chegada em 6 deste mês do «São Gonçalinho» e «Santo André» e em 7 do «Santa Mafalda», «Rio Alfusqueiro» e «Santa Princesa», encontram-se já em Aveiro todos os bacalhoeiros da E. P. A. Temos muito prazer em apresentar aos respectivos Capitães e tripulações as nossas saudações mais

benvidos !



amistosas, expressas neste primeiro número do nosso Boletim.



FLÂMULA

ANO I N.º 1
—1961—

[...] Para criar riqueza, carecemos de dois factores, que hão-de funcionar em uníssono: o capital e o trabalho. Não podem viver separados porque um e outro se completam. Sôzinhos, um para cada lado, estiolam, tornam-se improditivos. É mister juntá-los e dar a cada um o justo lugar que deve ocupar no todo [...].

Do discurso proferido pelo sr. Egas Salgueiro na sessão comemorativa das Bidas de Prata da E. P. A., realizada no Teatro Aveirense

goa, damão e dio

As notícias eram alarmantes nos últimos dias. No entanto, confiávamos, ingenuamente, que a Organização das Nações Unidas intervisse a evitar o morticínio que se adivinhava ou que um dos nossos «aliados» tomasse posição tão objectiva quanto tomou a URSS em relação à União Indiana.

Porém, no dia 17 de Dezembro, fomos surpreendidos pela notícia: as hordas do Sr. Nehru tinham iniciado a invasão do nosso Estado da Índia. A acção militar era apoiada por forças de terra, mar e ar, em número que excedia enormemente o efectivo militar português aquartelado em Goa, Damão e Dio. As comunicações ficaram cortadas quando a Emissora de Goa foi atingida num bombardeamento.

Pouco se sabe como tem decorrido a luta desigual entre os portugueses e as hordas do «pacifista» Nehru. Mas dada a inferioridade dos nossos militares, em número e armamento, somos levados a crer que todos os recontros constituem verdadeiros actos de heroísmo dos portugueses.

Estamos convosco, irmãos da Índia Portuguesa.

Sabemos que isso não vos ajudará em nada, como de nada vos podem servir as protestos das outras nações, mas a nossa mágoa é também a de não vos podermos estender a mão amiga e irmã, é também a de não nos ser possível colocar os nossos braços ao lado dos vossos, na luta heróica que sustentais.

Não esqueceremos o vosso sacrifício, irmãos da Índia Portuguesa. O vosso heroísmo escreve em páginas tintas de sangue mais um canto épico dos Lusíadas.

noticiário

instantâneos pessoais

★ Em 14 de Outubro, embarcou para Angola com um contingente de tropas o nosso estimado colega José Lino, furriel das forças armadas, que dias antes tinha ligado o seu destino à gentil professora D. Maria Helena Ventura Tomaz Santos. Esperamos que a sua permanência em tão longínquas e agora conturbadas paragens seja tão breve e feliz quanto possível, e que dentro em pouco o possamos ter de novo entre nós.

★ Também no mesmo mês, foi operado em Lisboa, onde se encontra no serviço militar, o nosso colega Adriano Robalo. Foi-lhe extraído um menisco, que ameaçava perturbar a sua actividade basquetebolística, na qual, como se sabe, alcançou a internacionalização.

★ Fizeram anos no dia 16-12, os nossos colegas: João Pinheiro e D. Júlia Rocha. Fazem anos: em 30-12, Adriano Robalo, e em 11-1-62, Mestre Alberto Amândio, em 16-1-62, Maria Manuela Melo, em 17-1, Carlos Grangeon, em 19-1, Eng.º Arminio Maia e Moura, em 20-1, Armando Silva e em 21-1, Laurentino Rodrigues.

o nosso grupo

Em Janeiro próximo, deve realizar-se o jantar de confraternização anual dos empregados da E. P. A., em dia e local a designar.

Esta reunião deverá contar desta vez com um número de convivas bastante mais elevado do que em Abril passado, como nos faz prever a estadia em Aveiro de todos os barcos bacalhoeiros.

Contamos poder inserir no nosso próximo número uma reportagem deste acontecimento, de tanta importância na latitude da nossa vida profissional.

O nosso Boletim vai tentar conseguir a realização de algumas audições de música gravada, clássica e ligeira, destinadas aos empregados da E. P. A. que a elas queiram assistir, no aproveitamento duma sugestão que há tempos nos foi proposta.

Esperamos poder obter a concretização desta sugestão muito em breve, de forma a que talvez no próximo número já a possamos dar como facto consumado.

falecimento

No passado dia 7 de Novembro, faleceu na sua residência em Ilhavo o antigo Capitão da pesca do bacalhau, Senhor Francisco dos Santos Calão, que durante muitos anos, até se reformar por doença, prestou serviço na E. P. A.

Apresentamos as nossas mais sentidas condolências à família enlutada, em especial a seus filhos, Senhores David Manuel Mendes Calão e Francisco Manuel Mendes Calão, respectivamente, Capitão e Imediato do «São Gonçalinho».

flâmula

n.º 1

dezembro
1961

redacção
administração

director
editor
redactor principal

propriedade

composição e impressão

praça eng. José Frederico Ulrich
n.º 10 • aveiro

carlos grangeon ribeiro lopes
manuel da silva reis
carlos alberto da silva jerónimo

grupo recreativo do pessoal
da e. p. a.

tipografia «a lusitânia» — aveiro

sumário

- roma, santuário de recordações incomparáveis
carlos grangeon
- origens e evolução da organização do trabalho
eng. maia e moura
- dos livros que tenho lido
guilherme barroso
- lucubrações nocturnas... à guisa de conto
joão carlos soares
- natal
pedro grangeon
- a mulher e o desporto
donsília domingues
- falando para a mulher
maria jose vera cruz
- secção técnica — a pesca do atum
joão filipe dias leite
- reminiscências duma viagem macabra
manuel da silva reis
- noticiário

Aparte o nosso primeiro susto e consequentes comentários trágico-cômicos e a planície em perspectiva. É nesta planura onde o nosso alcance visual se espraia indefinidamente, na contemplação de um entardecer róseo-alaranjado, qual pintura oriental, demonstrando toda uma tela gigantesca, como que executada num contraluz fulgente, donde se destacam as silhuetas das palmeiras, das copelas mouriscas com cúpula à laia de forno, chamadas «marabus», dos agricultores e animais de trabalho, dos utensílios agrícolas, . . . silhuetas que vão decrescendo, decrescendo à medida que as objectivas humanas vão perdendo as suas faculdades de fixação, ante o esplendor tão grandioso.

Depois de termos passado por Azamor, com as tropeiras do casario a marginar o rio Oum-er-Rbia, parámos em Mazagão para expedir notícias para Aveiro da nossa chegada e prosseguimos na longa viagem, que é de 525 quilómetros de Casablanca a Agadir.

Nessas localidades, de denominação portuguesa, há bastantes indícios da presença dos nossos antepassados, como em Mazagão, cujas ruas conservam ainda os seus títulos portugueses. Foi pena não podermos perder mais tempo nesta cidade, para admirarmos as edificações lusitanas ali espalhadas, bem como a «cisterna» da mesma origem e que tão falada é.

Parámos ainda mais uma vez numa pequena povoação para refrescarmos a garganta e agora, com o Sol a declinar, retomámos o «Dauphine» para a última etapa. Até às proximidades de Mogador, a viagem fez-se sempre à vontade, pois a estrada, quase sem curvas, é muito larga e bem sinalizada.

Daqui para diante, já noite, tivemos que fazer um desvio para tomarmos a estrada que nos conduz a Agadir, já não tão larga nem tão rectilínea, antes pelo contrário, muito serpenteada e cheia de movimento. Camiões vindos de Agadir cruzavam-se com o nosso «Renault» que tinha, por vezes, de se aninhar à beira de precipícios para dar passagem àquelas avantesmas. Numa das curvas, frente duma destas bisarmas, não fosse a pericia do Sr. Pires e seríamos vítimas duma violenta colisão ou duma brusca e forçada queda barranco abaixo. Desta vez, o susto foi maior do que o que tínhamos apanhado quando do burro ter subido à estrada.

Mais uma centena de quilómetros rodados em pleno rabo do Atlas, com as luzes dos camiões a impedir-nos a visão. E o panorama manteve-se assim, mais algum tempo, até que avistámos os sinais do Farol do Cabo Ghir, anunciando as proximidades do mar e bafijos de maresia.

Até que, por fim, chegámos intactos a Agadir, às 10 horas da noite.

(continua)

da tarde. O nosso novo companheiro de viagem explicou tratar-se de mouros, para quem, uma chávena de chá e algum açúcar, basta para se alimentarem, passando a maior parte do tempo naquele sórnico torpor.

Entretanto, o Snr. Carlos Grangeon telefonava para Agadir, avisando o gerente da fábrica, Snr. José Oliveira da Silva, de que seguiríamos para ali, devendo chegar à noitinha. Na resposta, o gerente informou que nos esperaria para jantarmos juntos e que, perto do meio dia, se tinha sentido ali um forte abalo de terra que fez que tanto ele como o pessoal se apressassem a «dar o fora» do escritório. Mas que, a não ser o susto, nada houvera de anormal a registar.

Enquanto devorávamos com bastante apetite o bem ementado almoço do Marhaba, ouvíamos o Sr. Grangeon a contar as apreensões do Sr. Silva e ríamos a bom'rir do susto que tinha apanhado. Mais umas larachas e esquecemos completamente o acontecimento sísmico e a fuga apressada do Sr. Silva do escritório.

Depois do almoço abalámas os três no «Renault-Dauphine», guiado pelo Sr. Pires, atravessando algumas artérias daquela cidade escolhida pelos políticos para a realização de conferências internacionais.

Agora, fora de portas, em plena estrada, noventa à hora, a caminho de Agadir. Aquela hora, com a estrada quase deserta, pudemos apreciar até ao limite do horizonte a extensa planície, cortada sômente pela larga via que utilizámos, orlada de exóticos eucaliptos. Ao longo da estrada e a nível um pouco mais baixo, existe uma espécie de caminho de cobras, com acesso à propriedade rústica. Nesse caminho, aparecem, de quando em vez, grupos muito originais.

Ao lado dum árabe, enfarpelado em indumentária de cor suspeita e esburacada, encabeçado por repelente turbante que não vê água nem sabão há um bom par de anos, com o rosto amarelado-negro, enfeitado de sórdida «pera-de-chibo» ou de ripas de pendentes melenas, quais pincéis descabelados, seguem um dromedário e um macho escanzelado. A estas alimórias serão postas as cangas de arados ou charruas, instrumentos estes do tempo do arroz de quinze. O engraçado da coisa é que os camelos parece aparelharem bem com as pilecas, porque é raro vê-los ao lado doutros camelos.

Planície e mais planície. De súbito, um jumento salta à estrada, dá umas piruetas e o «Dauphine» zigueagueia para não atropelar a cavalgada ou para não prejudicar a nossa integridade física.

a abrir...

Em princípios deste ano um pequeno grupo de empregados de escritório da E. P. A. propôs-se, entusiasticamente, editar um boletim do pessoal para o pessoal da «nossa» Empresa.

E tão bem se houve que no dia 16 de Março saía o primeiro número de «RUMO», um boletim que se propunha constituir um elo de aproximação e um incentivo de aperfeiçoamento para todos os funcionários da E. P. A.

Esse primeiro número, ensaio promissor de uma ideia feliz, mereceu o beneplácito da Ex.^{ma} Gerência, que imediatamente, pela voz esclarecida do Sr. Egas Salgueiro, deu o seu patrocínio precioso e imprescindível à publicação normal do Boletim.

Nove meses foram precisos para dar forma definitiva e legal a este anseio de todos nós. Houve que mudar o nome de «RUMO» para «FLÂMULA», mas com isto nada perdeu o simbolismo do título, pois que será à sombra da flâmula progressiva da E. P. A. e com a colaboração de todos os que nela trabalham que o nosso Boletim cumprirá a missão que se propôs.

Ao darmos os primeiros passos, queremos dirigir uma saudação muito respeitosa à Gerência e a todos os Sócios da E. P. A., e dar um aceno amigo aos nossos companheiros de trabalho que andam por longe, a bordo dos nossos atuneiros «RIO AGUEDA» e «RIO VOUGA», na nossa fábrica de Agadir ou afastados do nosso convívio por força do serviço militar.

roma santuário de recordações incomparáveis

COM um surdo sibilar, o enorme Superjet da TWA, depois de atravessar a Córsega a 8.000 metros de altitude e a 850 quilómetros por hora, vai perdendo altura em direcção à costa italiana. Há um movimento de curiosidade entre os passageiros quando o litoral se divisa, cada vez mais próximo e mais nítido.

Vê-se já perfeitamente Óstia e as suas praias, o Lido de Roma e a foz do Tibre que corre do interior, em curvas caprichosas através da campina romana, como se viesse ao nosso encontro.

Voamos cada vez mais baixo, já sobre o aeroporto de Ciampino e, ou por necessidade de manobra ou por gentileza do comandante, continuamos em direcção a Roma que, passados escassos minutos, surge em baixo, desbobinando ante os nossos olhos ávidos as maravilhas dos seus monumentos, das suas ruínas e dos seus palácios.

O Vaticano e São Pedro, o Coliseu, o Forum, o monumento a Victor Manuel, a cidade olímpica, vão surgindo sob os nossos olhos, numa visão de conjunto impressionante.

Foi uma volta breve mas inesquecível que eu, aliás, já tinha feito em viagens anteriores, mas que sempre me tem causado uma estranha e forte impressão.

Descemos mais, agora para aterrar em Ciampino, aeroporto de Roma, que é um dos mais concorridos da Europa.

Por uma auto estrada de grande movimento percorremos os 20 quilómetros que nos separam da Cidade Eterna e vamos tomando contacto com a paisagem levemente ondulada da velha

crónica de carlos grangeon

De cima, através da vigia, ia observando o colorido terráquio, com cambiantes, as mais variadas, interrompido aqui e ali por fugidia névem. Os recortes nítidos da costa portuguesa, parte das planícies e marinhas de sal e eis-nos, agora, observando o Oceano Atlântico, rumo a Tânger. Surgem-nos, pouco depois, as paisagens matizadas do Norte de África, um tanto esfumadas pela poalha atmosférica.

A vista o aeroporto de Tânger, onde aterrámos por meia hora. Retomada a viagem, panorâmica semelhante à anterior, pedido da hospedeira para apertar os cintos, o avião a aterrar e, enfim, a apearmos-nos no aeroporto de Casablanca, ao meio dia e meia hora, pouco mais ou menos.

Esperava-nos, no aeroporto, com o seu «Renault», o adjunto do gerente da nossa fábrica, Sñr. Francisco Pires, oriundo do Algarve e há muito radicado em Agadir. Cumpridas as formalidades na alfândega, fomos almoçar ao Hotel Marhaba, cujo restaurante se encontra no oitavo andar. Dali se descortina quase toda a cidade de Casablanca, dividida pelas medinas de índole tipicamente árabe e pela urbe europeia, com edifícios bem delineados e alguns arranha-céus. Avista-se dali também o porto de mar, muito importante, com as suas instalações donde sobressaiem guindastes e todos os meios necessários ao tráfego, formando como que um emaranhado de linhas negras junto ao cais.

Alguns navios ali ancorados e outros sulcando a toalha líquida do Atlântico, rumando aos seus destinos.

Cá em baixo, nas imediações do Hotel, algumas cercas de madeira indicam prévio estudo de novas construções a edificar próximamente. Ao atentar nisto, reparo que alguns individuos, andrajosamente vestidos, se encontravam dentro daquelas cercas, uns a dormir, outros a espreguiçar-se ao sol quente daquela primeira hora



a Igreja Católica em ruína depois do terramoto



Depois do jantar, tivemos a pouca sorte de nos metermos no Coliseu dos Recreios, onde assistimos às diatribes duma companhia de circo que se exibia «magistralmente» para aquela assistência muito entusiasmada e ruidosa que tudo aplaudia e admirava, quois basbaques entontecidos e alabregados- Teias de serpentinas e núvens de confectis e de pó, tudo de parceria com as estridências duma orquestra, própria para mimosear os tímpanos dos surdos, davam uma nota de «bom-tom» àquele ambiente dum carnavalesco Domingo-Gordo. «Maravilhados» com a «grandeza» deste espectáculo, resolvemos abandoná-lo após o começo, a bem do nosso sossego, do nosso repouso.

No dia seguinte, véspera de Carnaval, dirigimo-nos, logo de manhã, para o aeroporto, a fim de tomarmos o avião que nos havia de transportar para Casabranca. Enquanto aguardávamos a hora da partida, aproveitei para escrever à minha cara-metade, comprar um livro policial e apreciar o tráfego no aeroporto, mesclado de viajantes dos vários pontos do Globo, ao mesmo tempo que os alto-falantes indicavam, em diversos idiomas, as chegadas e partidas das aeronaves, advertindo os passageiros de embarcarem nesta ou naquela.

Para quem nunca tenha apreciado a azáfama dum aeroporto movimentado como o da Portela — o que a mim sucedia —, não pode deixar de ficar bem impressionado, transformando-se a sensação de perigo que se apossa do inexperiente nestas andanças, em confiante e cómodo meio de viajar.

Eis que chega o momento de embarque e não posso passar além sem confessar a emoção que senti ao pôr os pés no avião, lembrando-me das recomendações higiénicas da rapaziada e da minha mala que tinha desaparecido do meu alcance manual.

Seria bonito se surgisse o tal «desse e viesse»! . . .

Porém, logo que dei fé do roncar dos motores, desanuviou-se-me toda e qualquer tensão nervosa e apenas pensei que a viagem consistiria para mim, como de facto consistiu, num atractivo novo, em que se apresentaria a meus olhos o desenrolar de panoramas maravilhosos, com o esplendor colorido de toda a natureza, coadjuvados pela soalheira.

Aquecidos os motores, o avião descola, toma altura, enquanto que esbelta hospedeira nos pede, como medida de precaução, para que apertemos os cintos, dando-nos caramelos contra possíveis indisposições. Pensei, novamente, nas ditas recomendações da rapaziada do escritório e, em face da boa disposição que sentia, escrevi, em papel fornecido pela hospedeira do avião, ao casal Félix, dando-lhe conta das impressões do meu «baptismo de ar», até aquele momento.

Lácio. Ruínas de aquedutos e de monumentos funerários assinalam a Via Áppia que vai correndo paralelamente a nós e era a grande estrada que ligava a Roma dos Césares ao sul da Itália pelo litoral.

Entrámos em Roma pela Porta Maior, aberta nas velhas muralhas romanas, junto à grandiosa basilica de São João de Latrão e na marcha para o centro da cidade vão-se nos deparando edifícios e locais cujos nomes famosos vêm celebrados na História da Arte e do Ocidente, constituindo cartazes brilhantes do grande turismo internacional.

Roma é uma cidade extraordinária. Em perto de três mil anos de história apaixonante, ora dominando o mundo pelo poder das suas legiões ora pela força espiritual da fé cristã, foi acumulando dentro dos seus muros um número infundável de monumentos e obras de arte que marcam a bem dizer, todos os passos da sua longa e agitada evolução.

Da época romana, os velhos muros com perto de 2.000 anos que ainda hoje contornam a cidade, as ruínas veneráveis dos Forums, das termas de Diocleciano e de Caracalla, da Basilica de Maxêncio, do Teatro de Marcelo, dos arcos de Constantino e de Tito, do Panteão de Agrippa, do Circo Máximo, do Palácio dos Césares ou do Coliseu, levam-nos, com um pouco de imaginação, à Roma Imperial, com todas as suas grandezas e misérias, a pompa dos seus triunfos e a sádica



CIDADE ETERNA

foto de
Pedro Grangeon

histeria dos seus espectáculos de circo. As sinistras catacumbas recordam-nos os sacrificios dos primitivos cristãos, alvos de implacáveis perseguições dos imperadores receosos da propagação das suas ideias pacificamente revolucionárias.

Da idade média ficaram velhas igrejas, notáveis pela pureza da sua traça e as grandiosas basílicas de São Paulo extramuros e Santa Maria Maior. Pela suas enormes proporções e pela beleza austera e harmoniosa da sua arquitectura, estas duas basílicas causam em quem as visita uma ideia de grandeza e equilíbrio difícil de ultrapassar. A basílica de São João de Latrão, da mesma época, pouco resta da sua traça primitiva.

A Renascença, com todo o seu esplendor reflectido nas artes, nas letras e nas ciências, deixou em Roma, então capital poderosa da cristandade, um repositório de maravilhas artísticas que os nossos olhos não se cansam de admirar. A basílica de São Pedro, a maior catedral do mundo, obra prima de Bramante e Miguel Ângelo, esmaga-nos com a sua grandeza e encantamentos pela harmonia das suas proporções.

Na verdade, é tão extraordinário o equilíbrio de todas as linhas e volumes que não se tem a ideia das suas descomunais dimensões. É admirável a riqueza artística do seu interior, onde, a par do célebre baldaquino de Bernini e da maravilhosa Pietá de Miguel Ângelo, se admira uma série enorme de grandiosos monumentos funerários.

O Vaticano, cabeça da cristandade católica, é um conjunto enorme de enormes palácios, austeros e pesados, alguns obra de Bramante, que ladeiam a Basílica de São Pedro e constituem, dentro de Roma, o mais pequeno estado soberano do mundo.

São de valor incalculável as obras de arte que estes palácios encerram e que, na sua maior parte, estão patentes ao público nas magestosas salas e galerias do Museu do Vaticano. Algumas destas salas e galerias constituem, por si só, um extraordinário museu de pintura pelos frescos maravilhosos que cobrem as suas paredes e tetos.

Esculturas e pinturas dos maiores mestres de todas as épocas, papiros de valor incalculável, preciosas colecções lapidares e de numismática, tapeçarias e mil outras preciosidades, constituem o recheio deste repositório riquíssimo das mais elevadas manifestações de arte plástica em mais de três mil anos de civilização ocidental.

Artistas geniais como Bramante, Miguel Ângelo, Rafael e Bernini deixaram no colossal conjunto Vaticano-Basílica de São Pedro, espectaculares manifestações do seu extraordinário talento.

Quando tive conhecimento da incumbência, exultei pois se me apresentava ótima oportunidade de conhecer aquelas exóticas paragens, tão diferentes em usos e costumes do rincão que me viu nascer.

Foi, pois, com alegre satisfação, que tratei do passaporte, dei a boa-nova a minha mulher que, boquiaberta, ia escutando as minhas palavras.

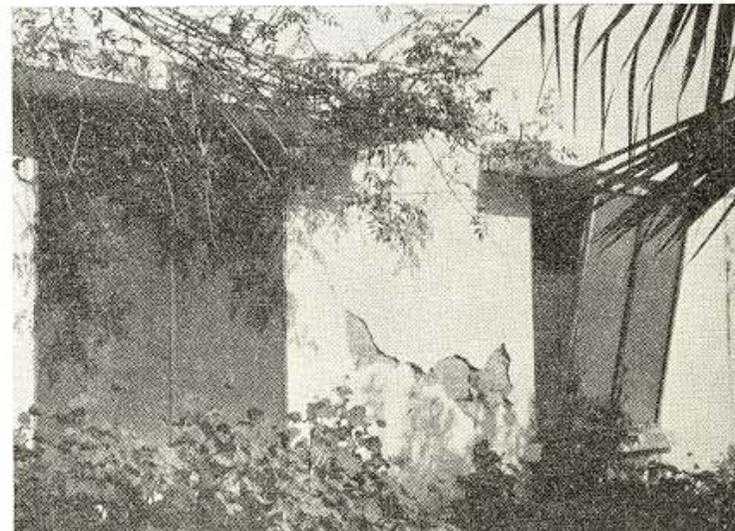
Quando viu que era tempo de fechar a boca e depois de várias perguntas, a maior parte das quais, escusadas, fez-me recomendações sobre a maneira como haveria de me conduzir perante as marraquinas, como se eu fosse um golã irresistível, mas, não o sendo, como se não soubesse qual seria a minha obrigação se me deparassem tais oportunidades, como se não soubesse portar-me bem! Oh! As mulheres... as mulheres!

De resto, o futuro que se aproximava não daria aso a apreensões desta natureza, mas a outras muito mais graves.

Aqui, no escritório, a rapoziada também me foi recomendando que levasse alguns pares de cuecas, pois, sendo a primeira vez que viajava de avião, talvez fossem necessárias para o que desse e viesse. A todos pedi que ficassem descansados, que nada disso seria preciso e que, se alguma coisa de anormal ocorresse, não seriam aquelas peças de roupa que remediariam a situação.

O certo, porém, é que à medida que se aproximava o dia da partida, ia sentindo uns vagos receios, um indizível mal-estar, que não sabia a que atribuir. Como nunca fui dado a superstições, afastava do pensamento incógnitos pressentimentos, mas ia dizendo, cá na Contabilidade, que desejava já estar de volta.

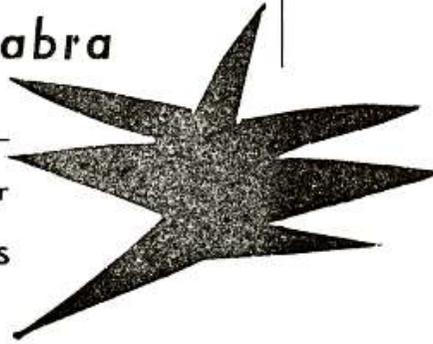
Depois das necessárias diligências e preparativos, das observações e conselhos do nosso Gerente e das despedidas dos nossos familiares, que nos acompanharam à estação, tomámos o rápido das 3 da tarde que nos deixou em Lisboa, na tardinha de Domingo, 28 de Fevereiro.



estado em que ficou
a vivenda do gerente
da fábrica

reminiscências de uma viagem macabra

notas de viagem por
manuel da silva reis



Recordar, é viver!...

Mas... recordar que podia deixar de viver!...

Vinte e nove de Fevereiro, característicos dos bissextis, sucedem-se inexoravelmente, através de ciclos quadrienais, deixando boas ou más recordações, ou passando absolutamente despercebidos.

Mas... o vinte e nove de Fevereiro de 1960 é um dos dias que jamais se dissipa da retina dos que tiveram a miraculosa sina de sobreviver à hecatombe monstruosa, que feriu de morte a jovem e acolhedora cidade marroquina de Agadir, em pleno e florescente desenvolvimento.

Não quis esse satânico 29 de Fevereiro desaparecer sem testemunhar tão trágico acontecimento, que matou cerca de 30 000 pessoas, nas quais se inclui, talvez, um milhar de portugueses. Não quis esse 29 de Fevereiro extinguir-se sem presenciar a agonia daquele porto de mar, onde, em henriquinas eras, assentaram arraiais activos lusitanos, ali deixando indeléveis sinais da sua presença. Dir-se-ia que esse 29 de Fevereiro, lúgubre excrescência das colendas, na agonia do seu estertor, quis perecer juntamente com execrando rasto, acompanhado de ressonâncias infernais, medonhas, indescritíveis.



Por incumbência do nosso Gerente-Delegado, Ex.^{mo} Snr. Egas da Silva Salgueiro, fomos encarregados — o Snr. Carlos Grangeon e o autor destas despreziosas palavras — de nos deslocarmos a Marrocos, numa visita de rotina à nossa fábrica de conservas de Agadir.

A Cidade Eterna assenta sobre doze colinas de suave pendor e a sua área actual é pouco maior do que a Roma dos Césares. O tom dominante das suas construções é de ocre ou tijolo claro, no qual se destacam, em contraste agradável, os velhos edifícios em «travertino», pedra clara dos arredores de Tivoli, ou a alvura imaculada dos mármoreos do fantástico monumento a Victor Manuel II.

Grandes palácios das nobres famílias italianas do renascimento, enriquecem as ruas e praças da grande urbe, imprimindo-lhe uma grandiosidade condizente com os sonoros apelidos dos seus possuidores: Médicis, Borghese, Chigi, Torlónia, Barberini, Dória, Orsini e tantos outros.

Cidade cheia de carácter e pródiga em múltiplas evocações, Roma encanta os seus visitantes não só pela grandiosidade e riqueza dos seus monumentos, mas também pela graça das suas famosas fontes que à noite são um festival de luz, pelas suas belas praças tão características, pelo pitoresco dos seus mercados, pelo encanto dos seus restaurantes típicos ou pela beleza dos seus miradouros.

O belo Estádio dos Mármoreos e a Via da Conciliação, construídos por Mussolini, a Estação Central dos Caminhos de Ferro, formidável construção em cimento e vidro onde nada falta para comodidade dos viajantes, a cidade Olímpica em que os jornais, o cinema, a rádio e a televisão tanto falaram em 1960, são aspectos notáveis da Roma moderna, que não adormece embalada pela sua passada grandeza.

«Roma é um mundo; é o museu de todas as idades; a pátria das artes; o santuário de recordações incomparáveis».

Estas palavras que não são minhas sintetizam bem o que é esta cidade extraordinária sobre a qual tão pouco disse.

Terminado o encanto da minha visita de alguns dias, eis-me novamente a caminho de Ciampino, já saudosos da bela cidade dos Césares e dos Papas.

a história da e. p. a.

No próximo número, esperamos poder iniciar a publicação de uma série de artigos historiando a existência da Empresa de Pesca de Aveiro, pois trata-se de uma matéria de inegável interesse que muitos desconhecem.

origens e evolução da

ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

Para podermos definir a palavra *Trabalho* temos que a tomar nas suas diversas acepções. Na primeira, considera-se como Trabalho as *condições de execução*, isto é, o esforço e os meios postos em jogo com vista a um resultado que se pretende atingir. Na segunda, o Trabalho é a própria *obra*, quer dizer, o produto do esforço, o resultado atingido.

Na terceira, quando se diz que o salário é o preço do Trabalho o *serviço* prestado pelo trabalhador.

É sobre a primeira definição que vai incidir a «Organização do Trabalho», que podemos definir como sendo «a Ciência que estuda o Trabalho, baseando-se na análise e medida das tarefas profissionais, tendo em vista a descoberta de melhores processos operatórios, com o fim não só de aumentar a produtividade, isto é, a relação de valor dum produção com os meios postos em jogo, como também a criação de melhores condições para os operários».

Para melhor se compreender como apareceu a Organização do Trabalho, é necessária uma breve análise do desenvolvimento industrial, através do tempo. Podemos distinguir quatro fases fundamentais.

Até ao Séc. XVIII — Os comerciantes e operários encontravam-se agrupados segundo as suas profissões em *corporações*, passando o ofício de pais para filhos sem quaisquer modificações, obedecendo o trabalho à rotina. Uma mesma entidade fabricava o produto *um a um*, promovendo a sua venda directamente ao público. Temos assim o *artesanato*.

No Séc. XVIII — No começo deste século deu-se um grande incremento nos transportes, aumentando-se desta maneira as possibilidades de trocas comerciais entre diversos mercados. Os fabricantes têm possibilidade de exportar para outros locais os seus produtos, o que conduz à *necessidade de fabricar em maior quantidade*, mas, em contrapartida, têm que enfrentar a concorrência que, com maior facilidade, vem do

mentar, com bons resultados, dado o seu enorme rendimento. Consiste em, por meio de rede, cercar o peixe e fechá-lo dentro da própria rede, tal e qual como para a sardinha.

Nestes apontamentos que acabastes de ler, rabiscados muito à pressa, apenas quisemos dar uma vaga ideia do que é a pesca do atum, sem a aprofundarmos, como gostaríamos de fazer e como a modalidade merece. Esperamos, num futuro não muito longe, estar de novo convosco e, então, apresentar-vos um estudo mais atraente e agradável, quer sob o aspecto técnico, quer sob o aspecto literário.

joão dias leite

a mulher e o desporto | continuação da página dezasseis

tão praticado, é um bellissimo desporto, e que enche de prazer quem o pratica, exigindo-lhe um esforço mínimo.

Mas, para que o desporto possa dar o resultado desejado, repetimos, é preciso que seja praticado s-m exageros, apenas com a intenção de tornar o corpo são para que possa albergar um espírito nobre.

O desporto não tira graciosidade de maneiras, nem a desenvoltura dos gestos, nem tão pouco a flexibilidade dos movimentos característicos da mulher. Muito pelo contrário. Quando a mulher se dedica um pouco ao desporto, ele redobra-lhe o valor das suas qualidades físicas e também espirituais.

Que toda a jovem pratique o desporto; e então veremos as raparigas cheias de vida e saúde, de olhos brilhantes, faces coradas e a boca aberta num sorriso de alegria, como que a dizer: avante pelo desporto feminino!

cantinho da mulher | continuação da página dezassete

curiosidades

As manchas de leite saem com facilidade quando o local atingido é esfregado imediatamente com um pano humedecido em água pura.

Para tirar o ranço da manteiga, deite uma colherzinha de chá de bicarbonato na água, em quantidade suficiente para cobrir a manteiga; em seguida lave-a com água pura e sal.

se relacione intimamente com a temperatura, salinidade das águas e correntes marítimas.

Este ciclo migratório coincide, em parte, com a deslocação dos peixes de que se alimentam e ainda que fazem as suas migrações em grandes cardumes.

Vejam-se agora como se faz, ou melhor, como tem evoluído a pesca do atum. Nesta evolução que vamos relatar, apontamos apenas os períodos em que cada modalidade tem marcado época, não afirmando que nesses períodos se não praticasse outra modalidade, embora em pequena escala e, de modo algum, indicando que a evolução tenha feito desaparecer as outras modalidades.

Armações fixas: São redes enormes que entram pelo mar dentro, por vezes mais de um quilómetro, com um sistema de labirinto, que obriga o peixe a nadar para uma armadilha, donde não pode sair.

Usam-se na costa do Algarve, Espanha, Tunísia e Itália, principalmente.

O seu custo é enorme e apresentam o inconveniente de apenas poderem capturar o peixe que passa ao seu alcance, isto é, que navegue dentro do limite da armação.

Vara de salto: É quanto a nós, a mais emocionante e das mais rendosas.

É feita com isca viva e com anzol. Em que consiste? Os navios pescadores estão dotados com tanques viveiros, onde armazenam o peixe que vai servir de engodo para a captura de atum. Os atuneiros fazem a pesquisa, usando, especialmente, vigias e bons binóculos e, quando avistam um cardume, tentam abordá-lo e fazê-lo parar junto do barco, lançando isca pela borda fora. Quando o cardume está bem «atracado», começa a pesca de anzol, iscado também com isca viva. Quando o cardume é grande e come bem, pode numa hora fazer-se pesca de 40 ou mais toneladas.

Long-line — Consiste essencialmente numa linha horizontal de cerca de 40 quilómetros, com várias linhas verticais, no extremo das quais são colocados anzóis com isca morta. Um destes aparelhos tem boias e balizas de identificação, para facilmente se fazer a sua recolha.

Este aparelho é lançado ao mar, deixa-se ficar durante algumas horas e é depois recolhido com um alador especial.

É uma pesca relativamente rendosa, porém mais para peixe que navega pelo fundo, do que peixe de superfície.

Cerco — É uma modalidade que agora se está a experi-

exterior, sentindo assim *necessidade de fabricar melhor e mais barato*. Têm portanto que rever e melhorar os seus *métodos de fabricação*.

Séc. XIX — Neste século deu-se o aparecimento da máquina a vapor, que originou, em Inglaterra e França, a «Revolução Industrial». A máquina permite uma concentração de energia superior à energia humana e assim, como consequência da sua instalação, há um grande aumento de produção e, contrariamente o receio existente na época chamada às oficinas de maior número de braços, não só para realizarem aquelas operações que as máquinas não podem fazer, como também para a conservação das próprias máquinas.

Devido à mão de obra não estar devidamente preparada para as novas funções, tornou-se necessário dividir o trabalho em fases, para permitir a cada operário uma rápida aprendizagem e conseguir uma cadência de fabricação elevada. Como exemplo típico deste caso, aparecem-nos os E. U. A., com a sua crise de 1870, resultante de grande aumento de população, proveniente da imigração, e na sua maior parte sem qualquer ofício. Deu-se assim um rápido aumento das necessidades dos bens de consumo que não se podiam fabricar em quantidades suficientes por não haver mão de obra qualificada. Teve desta maneira que se subdividir o trabalho em fases, como já se disse. Foi Winslow Taylor quem, pela primeira vez, estudou, numa maneira precisa, a subdivisão do trabalho, tendo cometido porém o grande erro de, pretendendo tirar o máximo rendimento do homem, o olhar só sob o seu ponto de vista físico, comparando-o com uma máquina.

Séc. XX — O trabalho começa a humanizar-se. Definiram-se clinicamente coeficientes de repouso, isto é, as percentagens de abono de tempo para a eliminação de cansaço produzido por um dado trabalho, estudaram-se as condições ambiente de modo a tornarem-se mais agradáveis os locais de trabalho, tomaram-se medidas no domínio da segurança e prevenção de acidentes, promoveu-se, por simplificação e coordenação dos meios postos em jogo o aumento de produção.

Devemos destacar nesta fase os nomes de Fayol, na Organização Administrativa, dos esposos Gilbreth, no estudo dos movimentos, de Barnes, Lehman e outros, e de organismos como o B. T. E., CEGOS, CNBOS, BIT, etc.

engenheiro maia e moura

dos livros que tenho lido...

por guilherme barroso

DE « menino e moço » que fui educado por meu Pai na leitura de poucos, mas bons e escolhidos livros. A vida é tão curta no seu veloz perpassar pelo planeta terráqueo, que não se pode desperdiçar o pouco tempo que nos resta dos deveres profissionais a esbanjar o irrecuperável e inexorável minuto que passa para sempre na leitura, em horas de estudo ou recreio, de trechos donde se não possa tirar proveito e ensinamento para alguma coisa mais aprender do pouco que se sabe.

De todos os livros do inconfundível estilo de Eça de Queirós, há uma passagem em « A Correspondência de Fradique Mendes » que, talvez por ser a que mais perfeitamente se amolda e coaduna com a minha maneira de ser e agir para com todos aqueles que considero meus semelhantes e irmãos, ficou gravada quase palavra por palavra no meu cérebro de adolescente, naquela saudosa idade em que a receptividade de memória tudo fixa com o mínimo esforço.

É para mim uma das facetas extraordinárias da fulgurante prosa e espírito superior de Eça a referida passagem desse soberbo livro que abaixo transcrevo:

« Todos nós que vivemos neste globo formamos uma imensa caravana que marcha confusamente para o nada. Cerca-nos uma natureza inconsciente, impassível, mortal como nós, que não nos entende, nem sequer nos vê, e donde não podemos esperar nem socorro nem consolação. Só nos resta para nos dirigir, na rajada que nos leva, esse secular preceito, summa divina de toda a experiência humana — « ajudai vos uns aos outros! ». Que, na tumultuosa caminhada, portanto, onde passos sem conta se misturam — cada um ceda metade do seu pão àquela que tem fome; estenda metade do seu manto àquela que tem frio; acuda com o braço àquela que vai tropeçar; poupe o corpo daquele que já tombou; e

lunga, Gmelin) — Atum de carne branca, caracterizado rudimentarmente por ter a barbatana peitoral muito comprida. É a espécie de maior valor comercial.

O albacora (Neothunnus Albacora, Lowe) — Atum de carne muito clara. A sua principal característica, para nós, leigos, é ter amarela a ponta da barbatana dorsal. É uma espécie muito apreciada, cuja conserva se apresenta com óptimo aspecto, o que lhe dá um valor comercial muito semelhante ao do voador.

c) *O patudo* (Parathunnus obesus, Lowe) — É um tonídeo de carne rosada, que podemos caracterizar pelo seu aspecto menos fusiforme que as outras duas espécies anteriores e ainda por ter o olho bastante grande. É também apreciada a sua conserva, mas o seu valor comercial não atinge as cotações do albacora e voador.

d) *Atum vulgar ou rabilho* (Thunus Thynnus, Linnaeus) —

É esta espécie caracterizada pela coloração vermelha de sua carne e por ter a barbatana dorsal de coloração azul. É nesta espécie que se tem encontrado exemplares de maior porte, alguns dos quais com mais de 400 quilos! É, dentro dos tonídeos, o que actualmente menor cotação obtem no mercado internacional.

Estas são as principais características das quatro mais importantes espécies de tonídeos.

Das características gerais da família dos « scombridae », podemos dizer que são muito vorazes e peixes com um ciclo migratório que ainda não está completamente definido, embora



Aspecto movimentado da pesca com
vara de salto

secção a pesca do atum

técnica breves noções

AO ser criada no nosso Boletim a Secção Técnica, houve a preocupação de procurar identificar os nossos leitores com os diferentes ramos de actividade a que a E. P. A. se dedica e ainda aqueles que lhe possam interessar. Enquadrada neste espírito, está a Pesca do Atum, a que vamos dedicar algumas palavras num resumo muito sucinto, dado o pouco espaço de que dispomos, procurando, todavia, focalizar todos os aspectos desta tão interessante modalidade.

A pesca do atum tem-se desenvolvido, nos últimos dez anos, extraordinariamente em todo o mundo, embora ela se faça especialmente nos oceanos Atlântico e Pacifico, sendo porém aquele o que mais locais de eleição possui para a prática frutuosa da actividade, em especial devido às temperaturas das águas, salinidade e correntes marítimas que o percorrem.

As nações que mais progressos têm feito e que mais estudos têm realizado são, sem sombra de dúvida, o Japão e os E. U. A.. Todas as outras têm caminhado na exploração adoptando os frutos colhidos pelos dois países indicados.

Falaremos adiante dos vários sistemas usados, mas antes parece-nos de certo interesse falar um pouco de atum, para a captura do qual se têm construído frotas enormes, como a do Japão, que é de várias centenas de navios.

O atum pertence à família dos «Scombridae» e nela podemos destacar quatro espécies de características diferentes e que também têm diferente valor comercial:

- a) Ooador

(Germo Ala-

se algum mais bem provido e seguro para o caminho necessitar apenas simpatia d'almas, que as almas se abram para ele transbordando dessa simpatia... Só assim conseguiremos dar alguma beleza e alguma dignidade a esta escura debandada para a morte».

Belas e sublimes frases que numa dúzia de palavras de profundo amor pela humanidade, condensam em si todas as Biblias, todos os credos, todas as religiões!

Quão maravilhosa seria a vida, nas suas relações entre os homens, se todos nos esforçássemos por seguir esta simples e humilde doutrina, tão simples e tão humilde como o viver humilde e simples da ingénua gente da luminosa Galileia, onde nasceu e morreu o doce Rabi que teve o mérito e a coragem não só de a pregar, mas principalmente de a praticar, e que os homens, na sua ingénua maldade, não souberam ou não quiseram aproveitar e compreender!

Numa época tão perturbada e cheia de incertezas pelo dia de amanhã como aquela em que actualmente vivemos, como seria fácil e redentora a aplicação deste princípio, numa afirmação eloquente da boa vontade entre os homens, que parecem apostados em complicar e baralhar tudo o que é singelo, mas de grande alcance espiritual e moral.

Que esta máxima — «Ajudai-vos uns aos outros» — seja um dos lemas e apanágio do neófito Boletim da tão unida família dos empregados da E. P. A., onde possa sempre brilhar como a luz vivificadora de resplandente farol a iluminar e orientar os esperançosos rumos da Flâmula, desde os seus primeiros e vacilantes passos até ao mar encapelado e talvez tormentoso da sua futura e ainda desconhecida existência.

flâmula

A partir do próximo número, esperamos poder contar com a colaboração dos nossos prezados colegas de Matozinhos e Agadir, que muito interessará à finalidade do nosso Boletim.

Daqui lhes renovamos o nosso pedido, certos de que o acolherão com a melhor boa vontade.

foto de
António Matias

lucubrações nocturnas à guisa de conto

— Quem não gosta de recordar a mocidade, mundo de fagueiras ilusões, que o tempo vai diluindo?

Quem não adora ter presente idos amores, recordações que são saudade, anseios que se tornaram quimeras?

A horas mortas me pergunto e me respondo.

Nesses momentos, cerro os olhos e transporto-me ao passado. Embrenho-menele e vivo-o no presente...

Tenho dezasseis anos e um espírito fraco.

O romantismo ultrapassado de Camilo deu-me volta ao miolo, tal como aconteceu ao da «triste figura» com as novelas de cavalaria. Num sorriso de garota vejo um mundo de promessas. Nos seus olhos, quase sempre indiferentes, vejo (Oh, cego!) centelhas de amor. O seu andar donairoso subjuga-me, enche a minha alma de estranhas sensações. E apaixono-me. A todas eu amo, porque nelas somente vejo candura.

Mas agora reparo: como está maravilhosa a noite! Tudo é silêncio. E eu, que sou o poeta da solidão, amo as noites calmas.

Há no alto um luar doentio, ofuscado por miríades de estrelas. Em meu redor tudo é irreal.

Olho as águas silenciosas da ria que banham esta Costa Nova linda. Os barcos dormem sobre o espelho líquido onde se mira, vaidoso, o firmamento. E eu fixo intensamente as águas.

a mulher e a profissão

«A profissão é a espinha dorsal da vida», disse Nietzsche, mas é necessário que se exerça com gosto e competência.

Sem gosto, o trabalho profissional é levado como um fardo. Sem competência, é um tormento para a mulher profissional que só à custa de grande esforço consegue cumprir os seus deveres e não sem o risco de falhar, de quando em quando, pondo a descoberto a sua inferioridade perante os companheiros de trabalho.

Quando nos preparamos para uma profissão, devemos levar em linha de conta o gostarmos de a exercer e, dentro daquilo que nos é agradável fazer, estudar e praticar quanto seja necessário, para o fazermos cada vez com mais perfeição. Só assim poderemos ser boas profissionais.

cantinho da mulher

coordenação de maria josé

- a mulher e a profissão
- culinária
- curiosidades

culinária

14 pudim de bacalhau

6 ovos; 1 fatia de pão (grande); 1 posta de bacalhau grande.

Faz-se um estrugido com cebola, salsa, manteiga e pimenta, a que se junta o bacalhau. Adiciona-se o pão (préviamente amolecido com leite), as gemas e por fim as claras batidas em castelo.

Vai ao forno numa forma rectangular, untada com manteiga.

15 pasteis de coco

250 grs. de açúcar; 125 grs. de côco ralado; 4 ovos.

Deitam-se os ovos inteiros com o açúcar e mexe-se sem bater. Junta-se em seguida o côco ralado, continuando a mexer bem.

Vai ao forno, que deve ser moderado, em formas pequenas untadas com manteiga.

doce de amêndoa

300 grs. de açúcar; 125 grs. de miolo de amêndoa; 6 gemas de ovos; 2 claras.

Põe-se o açúcar ao lume com 3 decl. de água, deixa-se ferver até ficar em ponto muito fraco. Junta-se-lhe então o miolo de amêndoa, préviamente pelado e bem pisado e torna a deixar-se ferver um pouco. Tira-se e deitam-se os ovos, que devem estar muito bem batidos, mexe-se e volta ao lume só para os cozer, mexendo sempre para não talharem.

Deita-se numa taça e por cima, espalham-se nozes e canela em pó. (É delicioso).

continua na página vinte e um

a mulher e o desporto

apontamento de donzília domingos

AS exiências da vida moderna obrigam, por vezes, a mulher a fazer um esforço físico e moral muito superior às suas possibilidades, pois que a luta constante entre o bem e o mal, obrigam a um esgotamento, não só do espírito, mas também do corpo, que interessa a todo o transe evitar.

O desporto, quando praticado com o verdadeiro conhecimento do significado da palavra, é um dos melhores meios para devolver ao organismo as forças perdidas.

Não. O desporto, como erradamente muita gente supõe, não exige dispêndio de forças, quando é praticado sem exageros e a par de uma preocupação moral elevada: a de cultivar também o espírito.

Principalmente a mulher intelectual deve praticar bastante o desporto, para, não só distrair o espírito, mas também revigorar o corpo. Mas de maneira alguma o desporto pode implicar na abdição dos deveres da mulher, pois o desporto será um complemento da sua vida, como o são da sua toilette o chapéu e as luvas.

E quais os desportos praticáveis pela mulher? Não citando todos, podem mencionar-se os mais importantes, tais como, o Badminton, que, praticado com a graciosidade de movimentos características na mulher, se torna um dos mais agradáveis desportos; o Ténis, que, sendo do género do anterior, apenas requiere um pouco mais de actividade e o Voleibol feminino (pois há o voleibol masculino) que é muito interessante, por ser bastante movimentado, e ao qual a mulher consegue, com a sua leveza e feminilidade, emprestar um pouco de suavidade e elegância, coisas que por si só o voleibol não tem. Teremos, por fim, a natação e o hipismo, que são desportos dignos de particular referência, em especial o primeiro, pois é o mais praticado pela mulher. Pena é que nem todas saibam tirar o melhor partido da natação, pois é um dos desportos mais saudáveis e de fácil aprendizagem. O Hipismo, não sendo

continua na página vinte e um

Fico fascinado. Elas reproduzem um rosto de donzela, formoso como jamais vi.

Os olhos, muito rasgados, têm a cor negra da noite e os seus cabelos, negros também, são longos e cintilantes.

Volto-me e ela sorri. Tento falar, mas apenas consigo emitir um suspiro prolongado. Ela sorri de novo e afasta-se.

Sigo-a durante algum tempo, até que desaparece no interior duma moderna moradia.

Quedo-me na expectativa.

De súbito, abre-se uma janela do primeiro andar e ela reaparece. Olhamo-nos e sorrimos.

Uma série de noites iguais se sucede...

Eu não falo com ela, nem ela comigo.

Mas olhamo-nos e sorrimos...

Mas (há sempre um mas...) um dia vem em que olho em vão a janela onde ela costuma aparecer. Em seu lugar, há apenas um cortinado que raspeja ao cicio da brisa, como que a dizer adeus...

E noites iguais se sucedem...

É desesperado o meu viver. Verto lágrimas de dor. Inútilmente.

E hoje, noite igual à noite em que pela primeira vez a vi, contemplo as águas calmas da ria. Igualmente sorrimos as estrelas e a lua e dormem os barcos.

Deslizam-me pela face duas lágrimas que tombam na superfície plácida das águas.

— Que vejo, meu Deus?

— Sim, sim, é ela, a sua imagem reflectida. E sorri!

Volto-me num arrebatamento e não vejo mais do que as esguias silhuetas dos velhos prédios perfilados ao longo do passeio.

Olho outra vez a ria. A imagem desaparecera.

Sim, leitor, a donzela do conto é a mocidade, menina eternamente caprichosa, que se aparta de nós, desvanecendo-se nas brumas do passado.

Por isso, também a ti pergunto:

— Quem não gosta de recordar a mocidade, mundo de fagueiras ilusões, que o tempo vai diluindo?

— Quem não adora ter presente idos amores, recordações que são saudade, anseios que se tornaram quimeras?

nostalgia | poesia de maria de fátima freire de lima

*Quanto me cerca é nostálgico!
Monótono o meu sentir!
Na morte não se é enérgico,
E não se pode mentir.*

*Até a plácida noite,
Ao longe, me faz pensar!
Como é tão suave a morte
Em deixando de amar.*

*Em mim paira a tempestade
D'um amor que foi lufão.
Sou feliz, vivo na saudade,
Fugi da tua prisão.*

*Desta pérfida prosa,
O culpado é o vento,
Que tras e leva a presa
E deixou o desalento.*

Natal!

... pede grangeon



Exausta de coarrear caminhos, desiludido de bater às portas que não se abriam, triste da indiferença das gentes, temeroso da hora que chegava, acolhera-se o santo varão, com a companheira delicada e submissa, àquele estábulo de recurso onde os pastores costumavam acoirar-se, acossados pelas intempéries, nas noites tempestuosas e trais. Era já noiteinha e a débil luz das estrelas punha lampejos de claridade esmaecida na manjedoura tosca, onde a vaca ruminava em sossego e o burro se encostava, a toscanejar, deliciado, um repouso merecido. Nem vivalma mais a não ser, aqui e ali, uma aranha na labutar silenciosa da sua teia de maravilha, ou as lagartixas alapordadas nas fendas das rochas circundantes cujo volume e asperezas aconchegavam e protegiam da chuva e do vento o desvão da pausada.

Era fria a noite. Doce e cheirosa, macio e agasalhadeiro, o feno, sequinho e dourado, espalhava-se sobre as tábuas carcomidas. Silêncio, só quebrado pelo rumor ligeiro das folhas ressequidas, arrastadas pela brisa em seu perpassar suave. No ar, uma sensação de paz, um surto de inquietude, um indeciso anseio, uma expectativa indefinida mas presente e sensível na natureza e nas coisas, nos bichos e nas gentes.

Caprichosa nuvem, formada adrede, escureceu, ao passar a lapa de Belém. Momento de tristura e trevas a pôr recatos subtils na acta sublime do nascer! Desfez-se a nuvem, um vazia ténue, quase choroso, repercutiu em volta e espalhou-se, em ecos pianísimos, pelas paredes rudes de rocha viva. Surgiu no firmamento, brilhante como farol, a estrela do Oriente a iluminar, em cheio, o presépio já formado. José e Maria, ajoelhados, punham as mãos em acção de graças e deixavam correr, pelas faces, lágrimas de alegria, enquanto o raio de luz banhava a pobre manjedoura onde, risonho e inquieto, repousava o Menino Deus que a Virgem dera à vida com a simplicidade imperturbável das grandes actas sagradas. Pinceladas largas, de ouro e prata, manchavam as palhas e a madeira, as teias das aranhas e as nervuras dos rochedos, e tornavam brilhante e puro o bato denso e húmido que soa, rítmico e constante, em névoas irisadas, das ventas dos animais estáticos

e surpresas, e acalentava de meiga tepidez as carnes tenras e rosadas do Deus Infante — iguais, em sua humanidade, às de qualquer menino da criação do homem.

Ouvia-se, ao longe, o cantar dos golas, mais al-gres, mais sonoros. Vozes de zagal misturavam-se ao bimbalar festivo dos chocelhos dos rebanhos e vinham, num crescendo contínuo, em direcção ao estábulo. Guiados pela estrela, que se fixara imóvel sobre a gruta sagrada pela presença divina, subiam apressados, ao sabor do balançar áspero das camelas, uns senhores reis de longes terras em demanda do Rei dos reis, daquele Deus Menino aconchegado nas palhas de Belém!

Chega um pastor, entra de mansinho, põe ante pé, e queda-se, apavorado e muda, ante o espectáculo insólito do presépio pobrezinho que Deus escolhera para berço de Seu Filho, o Messias do Povo Escolhido, o Redentor do Mundo! E vem outro e outro, e aparecem os Reis Magos, com suas oferendas de ouro, incenso e mirra!

A gruta é, agora, um deslumbramento de cor e luz. Há cânticos suaves, trinadas pelos Anjos; melodias de encanto, dedilhadas por mãos celestiais! E entre todas sobressai, vigorosa e marcial, esperançosa e grive, um cantar de amor — « Glória a Deus nas alturas e paz na Terra aos homens de boa vontade »!

Assim nasceu, numa noite fria de Dezembro, abandonado e pobrezinho, entre fraguedas e silêncios, o Filho de Deus que, por amor dos homens, se humilhou à condição humana, foi e é consolo de infelizes, mestre de ensinamentos eternos, propagandista da caridade e do amor do próximo, luzeira da paz, que o homem envileceu, espezinhou, ultrajou, adiou e crucificou; o Cristo que tudo suportou e sofreu por amor à humanidade e para salvação dos homens!

Nestes tempos em que a ideia do Natal anda tão desvirtuada, olhemos um pouco para dentro de nós, meditemos na maravilhosa lição de Jesus e, abrindo o peito e a inteligência à Sua doutrina excelsa e magnífica, acolhamo-nos confiantes, com alma de meninos, à Sua imensa misericórdia e constante amor! E com este sentimento bem enraizado em nossos corações, digamos, então, uns aos outros, jubilosamente:



Bons Festas! Santo e Feliz Natal!